



Malan (D), ao lado de ACM e Temer: "Queremos baixar os juros, mas antes é preciso aprovar o ajuste fiscal e as reformas. Na medida em que o Congresso começou a responder, iniciamos a redução"

Malan e Kandir dizem que crise pode piorar

Julianna Sofia
Da equipe do Correio

Os ministros da Fazenda, Pedro Malan, e do Planejamento, Antônio Kandir, bem que tentaram. Com a missão — quase impossível — de convencer deputados e senadores a aprovar o pacote de ajuste fiscal do governo sem alterações, a dupla fez ontem um alerta aos 70 parlamentares presentes à sessão especial do Congresso para ouvir explicações sobre as medidas: a crise na economia internacional é profunda e pode se agravar.

"Não podemos achar que conseguimos algum progresso e relaxar", afirmou Malan. "A crise não acabou e estará conosco por algum tempo",

acrescentou. Kandir também foi enfático: "Não acabou e ainda poderá apresentar desdobramentos mais graves". Revezando-se nos esclarecimentos aos congressistas, os dois emissários do presidente Fernando Henrique Cardoso não se limitaram a defender o pacote como forma de o País fazer frente aos ataques especulativos contra o real.

Foram além. Lembraram que a aprovação das reformas também faz parte da resposta do país à crise internacional e condicionaram a velocidade da queda nas taxas de juros ao resultado da votação das emendas constitucionais e do pacote. "Queremos baixar os juros, mas antes é preciso aprovar o ajuste fiscal e as reformas", defendeu Malan. "Na

medida em que o Congresso começou a responder, começamos a reduzir os juros", disse Kandir, referindo-se à aprovação da reforma administrativa em segundo turno na Câmara quarta-feira. Nesse mesmo dia, o governo reduziu as taxas de juros.

VÍTIMAS

Segundo Malan, depois do ataque especulativo ao real, a reação do Brasil não poderia ficar restrita à ação da autoridade monetária (o Banco Central, que aumentou as taxas de juros em 100%). Foi preciso o pacote de ajuste fiscal para se chegar a uma economia de R\$ 20 bilhões. "O contexto internacional mudou para pior e exige do Brasil uma resposta adequada. Não podemos nos considerar

vítimas e apenas nos lamuriar", disse o ministro da Fazenda.

Ele lembrou que a crise trouxe "dias muito difíceis", mas, nem por isso, chegou-se a pensar em uma desvalorização da moeda. "Não faremos maxidesvalorização nem retornar ao protecionismo", garantiu o ministro da Fazenda. Malan admitiu que, no início da crise internacional, a equipe econômica acreditou que, a exemplo

do que ocorreu com o México, em 1994, dessa vez a crise ficaria restrita à região de origem. Segundo ele, até mesmo os analistas foram capazes de prever que a turbulência se espalharia por todo o mundo.

Questionado pelo senador José Serra (PSDB-SP) sobre a possibilidade de o governo acabar com a Ta-

xa Referencial de Juros (TR), Malan afirmou que essa proposta está sendo cuidadosamente estudada pela equipe econômica. "Afinal, é uma correção superior à própria inflação", destacou Serra. O senador tucano detalhou que, adotando-se a TR como índice de correção da economia, saem perdendo governo e parte da população.

Isso porque a taxa serve tanto para corrigir a dívida pública quanto as prestações da casa própria. "Isso não pode ser feito assim de sopetão", explicou Malan, lembrando que isso afetaria as cadernetas de poupança, que hoje tem um saldo de R\$ 90 bilhões. "E a poupança reúne milhares de pequenos poupadões", justificou.